

O Velho Capítulo da Ideologia Burguesa da Representação

Antonie Marcus Barreto*

Acirra-se no atual momento uma polarização em torno do governo Bolsonaro, alguns assumindo a sua defesa e reeleição em 2022, outros, clamando por seu impeachment. Nesse cenário, mais uma vez vemos o retorno da velha ideologia burguesa que tenciona a colocar o governo como o responsável pelos problemas sociais. Já vimos muitos episódios desta dramática série criada pela burguesia e reproduzida pela burocracia, que coloca como centro das atenções quem está no poder. A bola da vez é Bolsonaro e toda velhacaria que o acompanha. A repetição desta ideologia pelo capital comunicacional a reforça e mobiliza pessoas, que direcionam ataques a quem está no governo do país. Esta forma de interpretar as causas da calamidade atual demonstra por si mesmo os limites da consciência burguesa, agora, pululando de cabeças diversas. Representa barreiras que dificultam ir além daquilo que se vê, ou seja, limita o indivíduo a pensar que o problema é o presidente.

Desta forma de pensar surgem as mobilizações, manifestações, discussões etc., de alguns setores da sociedade que pedem a troca do governo, ou seja, se fixam na crença que deve existir outro governante melhor. As disputas tornam-se acirradas. Mas o que é esse movimento levado a cabo por uma pequena minoria, senão, expressão do velho capítulo da ideologia burguesa da representação? Não é esse movimento uma expressão patológica de uma sociedade enferma, como nos aponta Erich Fromm?

O fato de milhões de criaturas compartilharem os mesmos vícios não os transforma em virtudes, o fato de elas praticarem os mesmos erros não os transforma em verdades e o fato de milhões de criaturas compartilharem a mesma forma de patologia mental não torna essas criaturas mentalmente sadias (FROMM, 1967, p. 28).

A consciência burguesa é doentia em sua essência. Despreza o ser humano em detrimento das coisas. Cria criaturas imaginárias e entrega a elas o poder de controle sobre a vida. Por outro lado, oculta a verdade através de deformações; transforma as virtudes em

* Doutor em história pela UFMG. Representante teórico do movimento revolucionário da classe operária. Atua na UIMRP – Universidade Internacional do Movimento Revolucionário do Proletariado. E-mail: marcusa.barreto@yahoo.com

vícios; converte o que há de mais sadio no mundo em formas de patologias mentais. A crença em um ídolo, a busca eterna por um salvador, a concessão do poder de controle da própria vida para outro indivíduo, a crença de que a sociedade doente é a melhor de todos os tempos históricos, é sinal claro e incontestável da enfermidade que perdura nas bases do capitalismo. Esta mesma sociedade doentia cria os medíocres, para utilizar a expressão de Ingenieros (s/d, p. 43), para o qual “a função capital do homem medíocre é a paciência imitativa e aspira a confundir-se com os que o cercam”.

Essa concepção de Ingenieros é reveladora da personalidade da burocracia estatal e de todo aquele indivíduo que adere à burocracia partidária. O poder do Estado é o objetivo real que busca atingir, e ao chegar lá, assim como antes, reproduz a ordem existente. Em sua trajetória não cria nada de novo, mas imita as tradicionais formas de dominação que aprendeu no interior do partido. Além disso, aprende que deve dizer sempre a fraseologia de que vai trabalhar para o povo. No início, isso pode até parecer estranho, mas com o tempo vai aprendendo que se confundir com os seus eleitores faz dele um ídolo, um ser diferente e que pode lhe dar a primazia de estar acima da sociedade, como um ser medíocre. Em sua caminhada em busca do poder, entra na disputa com seus pares, se corrompe e se vende para a burguesia; faz jogos escusos, trapaceia e reforça a crença de que o seu adversário, aquele que está no poder, é incompetente, logo, deve ser substituído.

Já vimos por diversas vezes o mesmo alarido de que se a situação das classes inferiores piora é porque quem está com o poder do Estado em suas mãos é incompetente para governar, portanto, deve ser substituído por outro. No entanto, se é substituído por outro, seja por impedimento, seja por novas eleições, o que acontece? O mesmo alarido volta à cena novamente. Portanto, é preciso ir além da ideologia burguesa da representação. Só assim teremos realmente condições de identificar o real problema que afeta cotidianamente as classes inferiores.

A premissa que se coloca necessária para compreender a origem desta ideologia, em primeiro lugar, é a de retomar a raiz dos problemas sociais. Urge refazer o caminho percorrido pela democracia burguesa, desde a sua origem, para entender a razão de ser desse alarido, que por mais que o tempo passe, não tarda a voltar à tona. Esse trajeto reflexivo nos permite perceber que a ideia de incompetência do governo que provoca os males sociais é só uma forma de ocultar o real responsável pelos problemas sociais. Se essa reflexão continuar não sendo colocada em pauta nas discussões, continuaremos reproduzindo o

mesmo alarido burguês e daí nada de novo será construído. Ou seja, continuaremos criando novos capítulos da velha ideologia burguesa da representação.

Uma pergunta importante para avançar nesta reflexão é: o que é a democracia? Milhares de estudiosos dedicaram a responder esta pergunta. A maioria das elucubrações que encontramos sistematizadas parecem profundas, mas não passam da superficialidade¹. Vão, voltam e caem na velha concepção grega de que a democracia é o governo do povo. Basta relacionar esta ideia com o que vemos na realidade para ela desabar. Ninguém duvida que vivemos em uma democracia. Ninguém duvida também que os princípios da democracia preveem que quem governa é quem está com o poder do Estado em suas mãos. Em síntese, é ilusório pensar que a democracia é expressão do poder do povo, a não ser que por “povo” esteja se entendendo a burocracia do Estado e a classe burguesa.

A democracia no mundo moderno foi criada pela burguesia. Ela é a autora, a guardiã e sua mentora. A burguesia criou a forma de governo democrático para continuar exercendo o poder, mas para não ser notada, para se manter nos bastidores. Com isso, já damos um primeiro e importante passo para além da ideologia da representação, ou seja, considerar que a democracia foi criada pela e para a burguesia. O termo “povo” é apenas um recurso retórico utilizado para separar ilusoriamente a perspectiva de classe da democracia, até porque o “povo” não existe na realidade. O que existem são as classes sociais, integradas por indivíduos que ocupam determinadas posições na divisão social do trabalho. Quando nos referimos ao proletariado, por exemplo, nos referimos a uma classe específica, a classe que produz mais-valor, logo, a principal classe explorada no capitalismo. O termo “povo”, por sua vez, cria uma confusão generalizada, que oculta as classes sociais assim como as lutas que estabelecem entre si. Portanto, é uma concepção que também deve ser superada, um passo importante para romper com as ilusões que impõe à consciência².

Retomando nossas reflexões sobre a constatação de ser a democracia obra da burguesia, foi através de sua história que chegamos a essa constatação. É óbvio que a democracia como manifestação de uma forma de governo não é uma criação burguesa³. O que essa classe criou foi uma nova forma de organização política e social, pautada em novas relações, em novas lutas de classes, em uma nova forma de Estado, batizada por democracia.

¹ Cardoso (1993), Costa (1986), Junior (1996), Montoro (1974), Rosenfield (1998), só para citar alguns exemplos entre dezenas de outros.

² Para um aprofundamento da teoria das classes sociais, veja Viana (2017).

³ Para uma crítica da democracia, ver Viana (2003).

No que diz respeito à sua essência, de ser uma organização social fundada na luta de classes, não há nada de novo, reproduz o mesmo esquema da época da democracia grega. A novidade é que agora a classe dominante é a burguesia, não mais os senhores de escravos. Sendo, portanto, uma arma da burguesia, a democracia é a forma política que ela criou para organizar, reproduzir e manter as relações de produção que ela própria gerou.

As relações de produção estabelecidas pela burguesia são fundamentadas na produção do mais-valor, ou seja, é uma relação de exploração. A burguesia encontrou nesta forma de produção, o meio de conseguir uma vida privilegiada, perpassada por abundância, para garantir que desfrute do que de melhor pode ser produzido na sociedade capitalista. Nesta sociedade que ela cria para si, coloca à sua disposição, os melhores hospitais, as melhores escolas e universidades, os melhores planos de saúde, os melhores alimentos e as melhores casas situadas nos bairros mais bem estruturados, conseqüentemente, isso lhe favorece uma saúde melhor, os melhores meios de se comunicar e de se transportar etc. Em síntese, o que há de melhor neste mundo está à disposição da burguesia.

A questão que não deve ser revelada e que ela própria, a classe burguesa, luta cotidianamente para que se mantenha no desconhecimento, é que todo privilégio que conquistou foi às custas dos produtores. Se ela é uma classe privilegiada conquistou esse privilégio através da exploração do trabalho de outros. A classe que é explorada desde a origem do modo de produção capitalista, que ela criou, é o proletariado. Essa classe produz todos os bens materiais, valores de usos, meios de produção etc., à disposição na sociedade, mas, obviamente, tudo que se produz é apropriado pela burguesia. Ao proletariado é concedido o direito universal e intransferível de se manter vivo, como assalariado, como eterna classe explorada. Só assim é que a burguesia conseguirá continuar desfrutando do que há de melhor no atual modo vida.

Qualquer ser humano dotado de um mínimo de racionalidade conseguiria concluir que isso é um absurdo. Ser privilegiado, se enriquecer a cada dia mais à custa de outros, é irracional. Mas, é essa a racionalidade burguesa. Questiona-se, portanto, como ela conseguiu durante todos esses últimos cinco séculos manter essa situação intacta? Qualquer ser humano que entende que está sendo explorado busca combater a exploração, busca se livrar daqueles que o explora. Uma criança revida com brutalidade se na divisão de um bolo receber um pedaço menor do que aquele que recebeu o seu irmão. Há aparentemente uma obviedade que qualquer ser humano revidaria com brutalidade se tivesse consciência de que está sendo

explorado e sendo enganado com a ideia de que o salário que recebe corresponde à totalidade do trabalho que realizou.

É por isso que a classe operária luta e historicamente buscou romper com as relações de produção burguesas e por sua transformação. Mas, por que o proletariado ainda não acabou com essa história da luta de classes? Os motivos são diversos e não haveria espaço para discuti-los profundamente aqui, mas vejamos um ponto importante. Além do proletariado há outras classes, integradas por indivíduos que mantêm relações íntimas com os interesses do proletariado ou com os interesses da burguesia. Como as ideias dominantes são as ideias da classe dominante, logo, os valores dominantes são os valores da burguesia, muitos indivíduos, motivados por esses valores, se tornaram serviçais e auxiliares da própria burguesia. Com isso, dão origem às classes auxiliares.

Com uma classe, que é integrada por um conjunto amplo de indivíduos, lhe auxiliando, a burguesia consegue adeptos para lhe auxiliar a manter intactas as relações de produção que ela criou. Para a classe auxiliar, portanto, a burguesia concede o trabalho de criar formas para reproduzir as relações de produção burguesas. Dois setores da classe auxiliar se destacam, a burocracia estatal e os intelectuais. À burocracia estatal é concedido o trabalho de gerir o poder estatal, por isso Hirsch (2010, p. 60) diz que “o Estado deve ser entendido como parte das relações capitalistas de produção”. Marx já havia notado que:

À medida que os progressos da moderna indústria desenvolviam, ampliavam e aprofundavam o antagonismo de classe entre o capital e o trabalho, o poder do Estado foi adquirindo cada vez mais o caráter de poder nacional do capital sobre o trabalho, de força pública organizada para a escravização social, de máquina do despotismo de classe (MARX, 1986, p. 70).

Para regulamentar esse trabalho a burguesia cria uma forma política que expresse o seu interesse de classe chamada democracia. Com a democracia criam uma esfera jurídica, ao mesmo tempo política, que regulamenta a sua forma de ação. Cria-se a dinâmica de que é preciso revezar os burocratas na condução do poder estatal. Daí criam os processos eleitorais. Desse processo emerge a ideia da representação, ou seja, é necessário sempre haver alguém representando a sociedade, pois, sem isso, pode-se criar um caos.

Aos intelectuais é concedido o trabalho de sistematizar essa ideia. São remunerados pelo estado, ou mesmo pela burguesia, para produzir um amontoado de textos e livros para reforçar a ideia de que o mundo atual é o melhor dos mundos existentes. No entanto, como não estamos livres dos problemas que a vida nos constrange enfrentar, então, cabe aos nossos

representantes resolvê-los. E se os problemas persistirem, é obvio, a culpa é do representante por não estar fazendo bem o seu trabalho. A burguesia passa a investir também na comunicação para divulgar essa ideia, e dá origem ao capital comunicacional⁴.

Assim, com a criação do sistema de assalariamento, com a democracia burguesia, com os intelectuais criando representações positivas sobre a forma de vida burguesa, com os meios de comunicação divulgando-as constantemente e com o estado em suas mãos, a burguesia consegue, ao mesmo tempo, criar ideologias sobre o que realmente está acontecendo e divulgá-las amplamente. O assalariamento oculta as relações de exploração. O proletariado magicamente não é mais explorado, já que o salário que recebe torna-se correspondente ao trabalho que realizou. Marx já provou em sua obra *O Capital* que isso é falso.

Com a democracia burguesa cria-se a ideia de que vivemos em uma sociedade onde todos desfrutam dos mesmos direitos. Sim, é verdade, todos nós somos submetidos às mesmas leis, mas é falso que desfrutamos de uma vida igualitária como prevê a lei, basta observar a nossa própria realidade, dividida entre privilegiados e miseráveis, onde uns podem mais outros menos, onde o direito penaliza as classes exploradas e dominadas e privilegia os poderosos. Em meio a isso tudo, ouvimos que o capitalismo é a melhor das sociedades existentes. Isso é falso, basta um rápido estudo sobre a história das sociedades pré-capitalistas para perceber que essa é a pior de todas as sociedades humanas. Por fim, e é o foco aqui de nossa discussão, ouvimos constantemente o alarido de que o Estado existe para atender os interesses universais e aquele que for eleito e conduzir o seu poder deve atender para as necessidades de todos. Isso também é falso. O Estado é propriedade privada da burguesia, portanto, todo aquele que o conduzir deve saber disso.

Com tudo isso que foi dito, algumas coisas devem ser evidenciadas. O Estado no atual momento existe para manter e produzir as relações de produção criadas pela burguesia, ou, como expressou Marx (1988, p. 78), nada mais é do que um “comitê para gerir os negócios comuns de toda classe burguesa”. É das relações de produção que a burguesia retira todo o seu privilégio. Para custear os parasitas que gerem o Estado a burguesia lhe concede parte do que explorou do proletariado, e faz isso na forma de impostos. Isso quer dizer que qualquer indivíduo que assumir o poder do Estado se defrontará com essa realidade. O governante torna-se um serviçal da burguesia e a ela deve se curvar e protegê-la.

⁴ Sobre o conceito de capital comunicacional, ver Viana (2020).

Neste contexto, os problemas sociais continuam perpetuando, já que o que se produz continua sendo apropriado pela burguesia. O proletariado continua sendo explorado e outras classes inferiores continuam sofrendo com a inacessibilidade do que se produz. A miséria instalada na sociedade é culpa, portanto, da burguesia. É ela que se apropria de tudo que se produz e cede algumas migalhas para as classes inferiores continuarem vivendo e se mantendo como classe inferior. A burguesia, por sua vez, oculta essa situação. Assim como o trabalho assalariado oculta as relações de exploração, dizer que os problemas sociais são culpa do governo oculta as mesmas relações de exploração, oculta-se ainda, a luta da classe proletária com a classe burguesa.

Essa dinâmica que domina a sociedade existe desde que a burguesia se apropriou do Estado e criou o regime político fundado na democracia. Foi uma sacada muito perspicaz da burguesia, já que culpar o governo pelos problemas sociais a torna invisível. Isso quer dizer que o governo não tem culpa? A própria esfera jurídica criada pela burguesia determina ser culpado aquele que participa de um crime, mesmo que não o tenha cometido diretamente. O governo faz parte do jogo burguês. Ele é o responsável por gerir os negócios da burguesia, e deve o fazer da melhor forma possível para que continuem sendo reproduzidos. Como diz o ditado, o governo tem culpa no cartório.

O governo Bolsonaro, portanto, é o atual gestor dos negócios da burguesia brasileira. Nos últimos dias, em um momento raro de se ver, alguns empresários que fazem parte da burguesia, fizeram uso de diversos meios de comunicação para dizer que o governo Bolsonaro está fazendo um bom trabalho. “Alto lá!” Alguém pode exclamar. Afirmar que ele está fazendo um bom trabalho diante de toda a tragédia humana que estamos vivendo? Por sua incompetência na condução do país diante da pandemia? Aí está o “x” da questão que colocamos no início desse artigo. É preciso ir além do que vemos e ouvimos.

É preciso repetir: Bolsonaro, assim como qualquer governo, é um serviçal da burguesia. Ele está fazendo um bom trabalho para alguns setores da burguesia, mas já dá indícios de não conseguir agradar a todos os setores desta classe. Por um lado, a sua forma de governo, destacada pelo capital comunicacional, tem favorecido a ampliação do contágio da doença e de mortes. Deste ponto de vista representa um bom negócio, já que enriquece setores de sua classe, como o capital farmacêutico, o capital hospitalar, o capital funerário, o capital comunicacional etc. Por outro, não são todos os setores da burguesia que estão satisfeitos com os efeitos dessa pandemia e os transtornos que ela tem trazido. Membros da

burguesia ligados aos setores do comércio e da indústria no geral, tem mostrado insatisfação por conta do fechamento de seus estabelecimentos. Por isso também, têm se manifestado sua insatisfação com o governo.

Nesse sentido, as mobilizações sociais provocadas pela burocracia em torno da ideologia da representação e de outros setores da burguesia, podem pressionar para a troca do governo. A burguesia, é claro, aceita, afinal de contas, o importante é que o modo de produção capitalista e o Estado capitalista continuem intactos. Bolsonaro é apenas mais um parasita a servir a burguesia. Ele ou qualquer outro que conduzir o Estado estarão sujeitos a serem acusados de incompetência, já que as relações de exploração continuam intactas e produzindo a miséria. O governo não tem o poder de transformar as relações de exploração, mas tem o poder de controlar e reprimir qualquer reação contra essas mesmas relações de exploração. Por isso Rühle (2021) diz que “a revolução não é uma tarefa de partido”. Então, tanto faz manter Bolsonaro ou não no poder, pois isso não irá alterar a dinâmica de reprodução do modo de produção capitalista e este continuará sob o poder da burguesia.

Para finalizar, ressaltamos aqui que estamos vivendo mais um velho capítulo de manifestação da ideologia burguesa da representação. Enquanto as pessoas estiverem atacando o governo Bolsonaro e exigindo a sua substituição por outro, continuarão sendo constringidas a pensar que o problema é o governo. Esse limite da consciência não mobiliza as pessoas para a transformação radical da sociedade, não coloca em questão a raiz do problema: a substituição do modo de produção por outro, o fim da luta de classes, a instauração de uma nova sociedade, o fim do Estado, não são colocados como foco. Com isso o governo mantém em si os holofotes e a burguesia continua nos bastidores, sem ser notada.

A classe proletária já demonstrou por diversas vezes que enquanto não abolir o Estado e transformar as relações de produção, substituindo o modo de produção capitalista por um modo de produção autogerido, os diversos problemas sociais que prejudicam a vida de milhares de pessoas, continuarão existindo. Isso continuará perpetuando por um motivo simples, embora complexo de ser percebido em decorrência dos limites da consciência burguesa, ou seja, a burocracia estatal tem como função reproduzir a sociedade da forma que está organizada. A classe burocrata almeja conquistar para si determinados privilégios concedidos pela burguesia. Mesmo que as brechas existentes para a contestação sejam

escassas, coube ao proletariado descobrir a forma de abolir as históricas relações de dominação e exploração, de suprimir as classes sociais e tudo que deriva de sua luta.

Portanto, aprendemos com o proletariado que precisamos superar a ideologia da representação, é preciso ir além da ideia de que os problemas sociais podem ser resolvidos pela burocracia estatal. Precisamos voltar nossa atenção para o modo de produção capitalista e para o projeto de sociedade apresentado pelo proletariado. Esse projeto nos mostrou que o primeiro ato para se construir uma nova sociedade é a abolição do Estado e a instauração da autogestão. Enquanto não houver um movimento amplo que aponte para isso, continuaremos vivendo e ouvindo o mesmo alarido de que precisamos substituir o governo por outro. A manutenção desta realidade impede que nada de novo aconteça, e a velha ideologia burguesa da representação continuará gerando novos capítulos.

Referências

CARDOSO, Fernando Henrique. *A Construção da Democracia*. São Paulo: Siciliano, 1993.

COSTA, Maria Cristina Castilho. *O Que Todo Cidadão Precisa Saber Sobre Democracia*. São Paulo: Global, 1986.

HIRSCH, Joachim. *Teoria Materialista do Estado*. Rio de Janeiro: Revan, 2010.

HUHLE, Otto. *A Revolução não é Tarefa de Partido*. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/ruhle/1920/mes/tarefa.htm>. Acesso em 22 de março de 2021.

INGENIEROS, José. *O Homem Mediocre*. Curitiba: Chain, s/d.

JUNIOR, Walter Santos. *Democracia o Governo de Muitos*. São Paulo: Scipione, 1996.

MARX, Karl. *A Guerra Civil na França*. São Paulo: Global, 1986.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Global, 1988.

MARX, Karl. *O Capital*. Vol. 1. São Paulo: Global, 1988.

MONTORO, Franco. *Da Democracia Que Temos para a Democracia Que Queremos*. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

ROSENFELD, Denis Lerrer. *O Que é Democracia*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

VIANA, Nildo. *A Teoria das Classes Sociais em Karl Marx*. Portugal: Chiado, 2017.

_____. *Estado, Democracia e Cidadania: a dinâmica da política institucional no capitalismo*. Rio de Janeiro: Rizoma, 2015.

_____. *Teses sobre o Capital Comunicacional*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2020.